

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

I ENCONTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA

UMA CIDADE EM ESCAVAÇÃO

Teatro Aberto
26, 27 e 28
Nov. de 2015

Lisboa, 2017



Título:

I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação
(Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)

Coordenação editorial:

Ana Caessa

Cristina Nozes

Isabel Cameira

Rodrigo Banha da Silva

Design gráfico do Encontro:

João Rodrigues, Ana Filipa Leite

Design gráfico e composição do Livro de Resumos e das Atas:

Rui Roberto de Almeida

Edição:

CAL/DPC/DMC/CML

Centro de Arqueologia de Lisboa / Departamento de Património Cultural /

Direção Municipal de Cultura / Câmara Municipal de Lisboa

Impressão:

Livro de Resumos - Imprensa Municipal / Câmara Municipal de Lisboa

CD Atas - MPO (Portugal)

Tiragem: 450 exemplares

ISBN: *Livro de Resumos* - 978-972-8543-45-7 / *Atas* - 978-972-8543-46-4

Depósito Legal: 433151/17

Advertências:

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. O Centro de Arqueologia de Lisboa declina qualquer responsabilidade por equívocos ou questões de ordem ética e legal.

O cumprimento, ou não, do Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa de 1990 (em vigor desde 2009), assim como as traduções para a língua inglesa, são unicamente da responsabilidade dos autores de cada texto.

Os direitos de autor da obra são extensíveis a todos os documentos, impressos ou manuscritos, com tratamento digital de imagem, nela publicados. Assim, toda e qualquer reprodução de texto e imagem é interdita, sem a autorização escrita dos autores, ou dos seus representantes legais, nos termos da lei vigente, nomeadamente o Código do Direito de Autor e Direitos Conexos. Em power-points, a reprodução de imagens ou de partes do texto é permitida, com a condição de origem e autoria do texto e das imagens serem expressamente indicadas no diapositivo em que é feita a reprodução.

Para intercâmbio (on prie l'échange, exchange accepted):

CAL - Centro de Arqueologia de Lisboa

Av. da Índia 166, 1400-207 LISBOA, Portugal

A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MUNICÍPIO DE LISBOA

RESUMO:

A escavação do Largo do Coreto em Carnide (2012) identificou diversos silos no interior dos quais foram recuperados diversos elementos de cultura material, datados entre os finais do século XVI e meados do século XVII.

O maior número de evidências é constituído, como expectável, por recipientes cerâmicos, entre os quais se contam diversas importações não apenas de outras regiões portuguesas, tais como Montemor-o-Novo e Estremoz, mas igualmente de outros países. As produções europeias tendem a ser as mais abundantes. Oriundos de Espanha foram identificados reflexos metálicos valencianos e de Itália importaram-se objectos das oficinas Lígures, de Montelupo e Deruta. A par destes dois países surgem ainda possíveis produções holandesas. De fora da Europa abunda a porcelana chinesa.

Importa compreender esta cerâmica no contexto global da cerâmica consumida em Carnide naquela cronologia, atribuindo-lhe um contexto económico, social e cultural, atendendo às populações e edifícios que ali existiam. Tentaremos compreender os seus padrões de consumo e a forma como aqueles podem reflectir des(igualdades) sociais e económicas.

PALAVRAS-CHAVE:

Cerâmica, importações, cultura material, consumo.

ABSTRACT:

The archaeological excavation of the Largo do Coreto in Carnide (2012) identified several storage pits inside of which a high number of material culture elements were recovered. The context can be generally dated from mid-16th to mid-17th century.

As expected, the larger number of finds is pottery objects. The majority being from local production, there are some examples of imported ceramics. Within Portugal pottery has been imported from Montemor-o-Novo and Estremoz. From outside Portugal the number of finds increases and these were produced in places such as Valencia (Spain), Liguria, Montelupo and Deruta (Italy) and even in the Low Countries. From outside Europe Chinese porcelain was recovered in considerable amounts.

The purpose is to understand these ceramics in the context of ceramic consumption in Carnide for such chronology connecting the items to an economic, social and cultural framework attending to the population and constructions in the nearby areas. We will try to discuss patterns in its consume and the way those patterns can reflect social and economic differences.

KEY WORDS:

Pottery, imports, material culture, consumption.

1.5 LOUÇA "DE FORA" EM CARNIDE (1550-1650). ESTUDO DO CONSUMO DE CERÂMICA IMPORTADA

Tânia Manuel Casimiro
IAP-IHC/FCSH/UNL; AAP; Pós-doc FCT
tmcasimiro@fcsch.unl.pt

Carlos Boavida
IAP/FCSH/UNL; AAP
cmpboavida@gmail.com

Ana Margarida Moço
Arqueóloga estagiária no CAL/DPC/DMC/CML
anamargarida94@hotmail.com

1. Introdução

A escavação do Largo do Coreto em Carnide (2012-2013), coordenada por Ana Caessa e Nuno Mota, arqueólogos do Centro de Arqueologia de Lisboa - CML, inseriu-se no âmbito do projecto de Requalificação Urbánística e Paisagística do Largo do Coreto e Ruas Adjacentes. Embora tenham sido identificadas diversas estruturas, as mais notáveis e numerosas foram os cento e trinta e seis silos, espalhados pela zona intervencionada dos quais foram apenas escavados, total ou parcialmente, setenta e um (CAESSA, MOTA, 2014). Outras intervenções arqueológicas anteriores já tinham identificado outros silos no local (DIOGO, 1995; DIOGO, VITAL, 1998, p. 52; MONTEIRO, ANTÓNIO, 2013; ROSA, 2014). São vários os documentos que "referem as 'covas' e o 'pam encoavado' de Carnide. De acordo com esses documentos, os silos seriam muitos e de grande qualidade porque teriam a capacidade de preservar os cereais por vários anos" (CAESSA, MOTA, 2016, p. 50).

O sítio de Carnide era, nos séculos XVI e XVII, uma zona periférica e rural de grande importância produtiva, justificando-se a existência de centenas de silos. Estas covas, segundo a documentação, teriam múltiplos proprietários, desde particulares a instituições religiosas (CAESSA, MOTA, 2016). Ainda que o povoamento medieval não se encontre bem documentado, a partir do século XV começaram a ser construídas no local diversas casas conventuais, em consequência do milagre da Luz, o que, a par das romarias e da feira anual, terá atraído diversos habitantes, levando a que a comunidade residente fosse relativamente grande no início do século XVII (REIS, 2014, pp. 16-17). Que tipo de comunidade seria esta e qual a sua capacidade económica é algo que a cultura material recuperada dentro destes silos poderá ajudar a compreender.

Em inícios de 2014 iniciou-se o estudo da colecção cerâmica identificada. A enorme quantidade daqueles materiais tornou necessária a divisão do estudo em fases, tendo-se principiado pela análise das cerâmicas importadas. Nesse sentido, o presente artigo dá a conhecer a cerâmica importada do Oriente e Europa, nomeadamente da China, Espanha, Itália, Alemanha e Países Baixos. Inicialmente ainda foi ponderado incluir a louça produzida em Portugal, fora de Lisboa, igualmente considerada "louça de fora", nomeadamente as louças de Estremoz e Montemor, todavia, condicionantes temporários levaram-nos a abandonar essa ideia. Aquela encontra-se representada sobretudo através de recipientes destinados a conter água.

Ainda que aqui tenha sido considerada a totalidade dos conjuntos cerâmicos de importação esta é uma aproximação preliminar à colecção. A compreensão de quaisquer conjuntos cerâmicos só faz sentido quando analisada a totalidade dos artefactos. Os 467 objectos em porcelana chinesa parecem um número muito elevado, mas será que o é quando comparado com os milhares de objectos em cerâmica comum, cerâmica vidrada e faiança ali recuperados? Numa primeira abordagem, ainda a carecer de confirmação mais detalhada, parece-nos que a cerâmica importada, apesar de se traduzir em 692 objectos, não ultrapassará os 2 a 3% do total da colecção. Será isto o reflexo de uma comunidade abastada? A título de exemplo o silo VI da sondagem 24 ofereceu cerca de 300 peças no seu interior, mas apenas 9 delas importadas (seis porcelanas chinesas, duas majólicas italianas e uma espanhola). Esta parece ser efectivamente, com pequenas variações, a média das importações.

O conjunto cerâmico, composto por elevado número de objectos, encontra-se em processamento e publicações dedicadas a outros materiais serão em breve apresentadas.

A cronologia de deposição para estes recipientes foi balizada entre 1550 e 1625. Concorreram para esta in-

terpretação a análise não apenas das peças importadas, de atribuição cronológica mais precisa, mas igualmente das cerâmicas de produção nacional, nomeadamente faiança e cerâmica comum. Ainda que esta datação se estenda até 1625 grande parte do conjunto parece ter sido descartada antes de 1610. Na verdade o alargamento do espectro cronológico até 1625 prende-se com a presença de uma medida onde surgem os numerais 621 e 622, no interior do silo VI da sondagem 24, o ano da sua aferição (Viana, 2015).

Apesar da cerâmica ser a única categoria material aqui abordada, foram igualmente recuperadas grandes quantidades de restos faunísticos e objectos em vidro, osso e em diversas ligas metálicas (CASIMIRO, BOAVIDA, DETRY, 2017; BOAVIDA, 2017).

Não é propósito deste trabalho uma catalogação exaustiva dos objectos encontrados. Metodologicamente a separação foi feita por origem ou zona de produção. A cerâmica oriental enquadra não apenas a porcelana, mas igualmente outros objectos em grés designados como potes martabã. Relativamente às produções europeias a divisão foi feita em primeiro lugar por país e em segundo por centro produtor, quando possível de reconhecer. A classificação permitiu contabilizar o número total de objectos que, como se esperava, é inferior ao número de fragmentos. Desta forma, através desta hercúlea tarefa, foi possível reconhecer as peças e contabilizá-las como unidades.

Quase todos os silos ofereceram louça “de fora” destacando-se os silos IX, X, XV da sondagem 24 com elevado número de importações. A título de exemplo, o último daqueles ofereceu 41 objectos em porcelana, 15 em majólica e apenas 6 objectos em cerâmica espanhola, um deles em corda-seca, o único exemplar até ao momento identificado na escavação.

2. Produções Orientais

Enumerar todos os sítios arqueológicos onde foi encontrada porcelana em Lisboa e arredores é uma tarefa árdua e desnecessária. É bem sabido que a porcelana seria objecto recorrente nas casas portuguesas a partir das primeiras décadas do século XVI, sobretudo nas cidades portuárias. Estas eram efectivamente um novo produto, exótico, limpo, mas sobretudo acessível e que contrastava na perfeição com a monotonia policroma das cerâmicas vermelhas lisboetas e uma alternativa mais económica à louça italiana e espanhola de reflexos metálicos.

O número destes recipientes orientais varia nos contextos arqueológicos de acordo com a riqueza dos seus habitantes. Conventos femininos e palácios parecem ser onde estes objectos são recuperados em maior quantidade (GOMES, GOMES, CASIMIRO, 2015; GOMES *et alii*, 2013), apesar de elas serem uma realidade até nos contextos menos abastados (CASIMIRO, 2011; BARGÃO, FERREIRA, 2013). Em boa verdade é comumente admitido que em Portugal a porcelana teria mais do que um uso decorativo e ostentativo e seria utilizada no consumo diário de alimentos, pelo menos no seio das comunidades mais endinheiradas. Tal afirmação é confirmada em episódio ocorrido em 1573 (contemporâneo

da deposição desta colecção) quando o Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires se senta à mesa com o Papa Pio IV, e perante a abundância de ouro e prata refere: “*Temos em Portugal um género de baixela que, com ser barro, se avanta tanto à prata em graça e limpeza, que aconselhara eu a todos os príncipes (...) que não usaram outro serviço e deterraram de suas mesas a prata. Chamamos-lhe em Portugal procelanas, vêm da Índia, fazem-se na China. É o barro tão fino e transparente que as brancas deixam atrás os cristais e alabastros, e as que são variadas de azul enleam os olhos representando uma composição de alabastro e safiras. O que têm de quebradiço compensam de barateza (...)*” (DUARTE, 2011, p. 229).

Um total de 467 recipientes foram identificados dentro dos silos de Carnide. Pratos e taças são os objectos mais numerosos seguidos por garrafas e gomis, duas tampas de caixa, um bule e um castiçal. Numa ampla cronologia as peças deste arqueossítio correspondem sobretudo a produções dos reinados Zhengde (1505-1521) e Jiajing (1522-1567), apenas com dois pratos datáveis do século XVII.

As mais antigas são peças de excelente qualidade, na maioria dos casos com decorações vegetalistas sobretudo nas abas dos pratos e paredes externas das taças (Fig. 1-D). Crisântemos e outras flores partilham o ambiente com pequenas ramagens e espirais e no centro dos pratos surgem algumas representações zoomórficas. Este seria um primeiro momento da aquisição destes bens onde a porcelana, embora frequente, ainda não era a importação mais relevante sendo superada, naquela cronologia, pela majólica italiana.

Este *ratio* vai mudar a partir da década de 1520, quando as peças Jiajing são efectivamente mais frequentes que todas as produções europeias. Continuam a predominar as formas abertas tais como os pratos e taças ainda que tenham sido reconhecidas outras formas fechadas (Figs. 2 e 3). As decorações e formas que apresentam são sobejamente conhecidas e semelhantes ao que tem aparecido noutros contextos lisboetas (HENRIQUES, 2012; GOMES *et alii*, 2013) mostrando motivos vegetalistas associados a representações zoomórficas e antropomórficas, sendo as abas decoradas com pêssegos e rolos (Fig. 1) (CRICK, 2010).

Destacam-se algumas peças que devido ao seu estado de conservação permitem reconhecer forma e decoração, como um grande prato com uma representação de Fénix no interior do fundo, animal que era símbolo do Sol, Boa Fortuna e Longevidade (MATOS, 1996, p. 275). Um outro prato, igualmente muito completo apresenta, no interior do fundo, dois leões a brincar com uma bola de brocados, símbolo de Sabedoria (Fig. 1-B). Outros, de semelhante produção, apresentam as abas decoradas com pinheiros, crisântemos, pêssegos, rolos, jóias e contas, entre outros motivos menos frequentes (Fig. 1-I, J). Com uma cronologia afim, o fundo de um prato apresenta um grou com as asas expandidas em pleno voo. Este animal é igualmente recorrente nas porcelanas identificadas em Portugal, com exemplos semelhantes na colecção da Casa-Museu Dr. Anastásio Gonçalves (MATOS, 1996, p. 70).

Da totalidade de objectos recuperados apenas três apresentam particularidades que podem ser associadas ao que normalmente se reconhece como porcelana *kinrande*, duas delas ainda com vestígios de pintura a ouro, similares a outras identificadas em contextos arqueológicos europeus e coloniais (POMPER, 2015). Exceptuando doze peças completamente brancas (Fig. 1-E) e outra com decoração a negro, o remanescente das peças apresenta a característica decoração azul sobre branco.

Foram recuperados pelo menos cinco taças com representações antropomórficas, com traços orientais, em diferentes silos. Quatro destas taças, ainda que recupe-

radas em distintas unidades, apresentam características muito semelhantes, tanto na forma, como na decoração, pelo que a data da sua aquisição pode ter sido muito próxima (Fig. 1-L).

Um único fragmento de castiçal mostra decoração vegetalista. Não se conhecem muitos exemplares, mas formas afins foram recuperadas no naufrágio do São Bento (naufragado em 1552) na África do Sul (AURET, MAGGS, 1982, p. 23).

Algumas peças foram reconhecidas como produções Sawtow, oriundas do sul da China (CRICK, 2010, p. 319). O fundo de um prato deste tipo revela um fabri-



Figura 1 - Porcelanas.

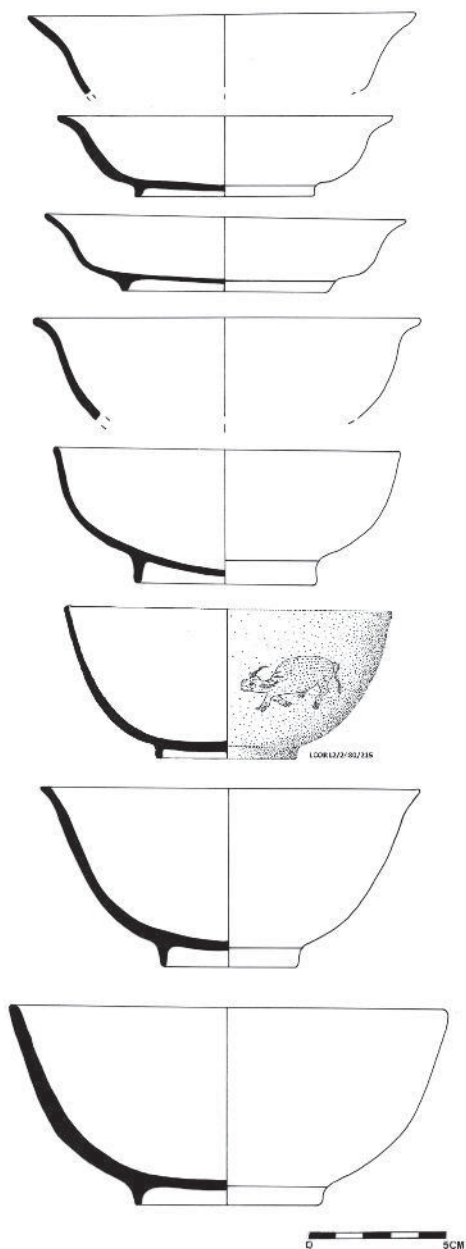


Figura 2 - Formas das porcelanas.

co menos cuidado, com um vidrado acinzentado e muito espesso. Parece ser uma produção da segunda metade do século XVI, perfeitamente enquadrável em deposições anteriores a 1610. Uma das peças recuperadas apresenta decoração a negro e vestígios de verde no interior do fundo. As paredes externas mostram vestígios de um bovídeo delineado com traço fino acompanhando outro animal do qual só conseguimos reconhecer o dorso. No interior do fundo são visíveis os vestígios do que parece ter sido um *Qilin*, ou animal fantástico, do qual só sobreviveram vestígios da cabeça e da cauda (Fig. 2).

Algumas produções mais tardias foram recuperadas no exterior dos silos aquando o acompanhamento das valas. É o caso de dois fragmentos de porcelana *kraak*, com decoração em cartelas, característicos de contextos mais tardios tais como o naufrágio da presumível Nossa Senhora dos

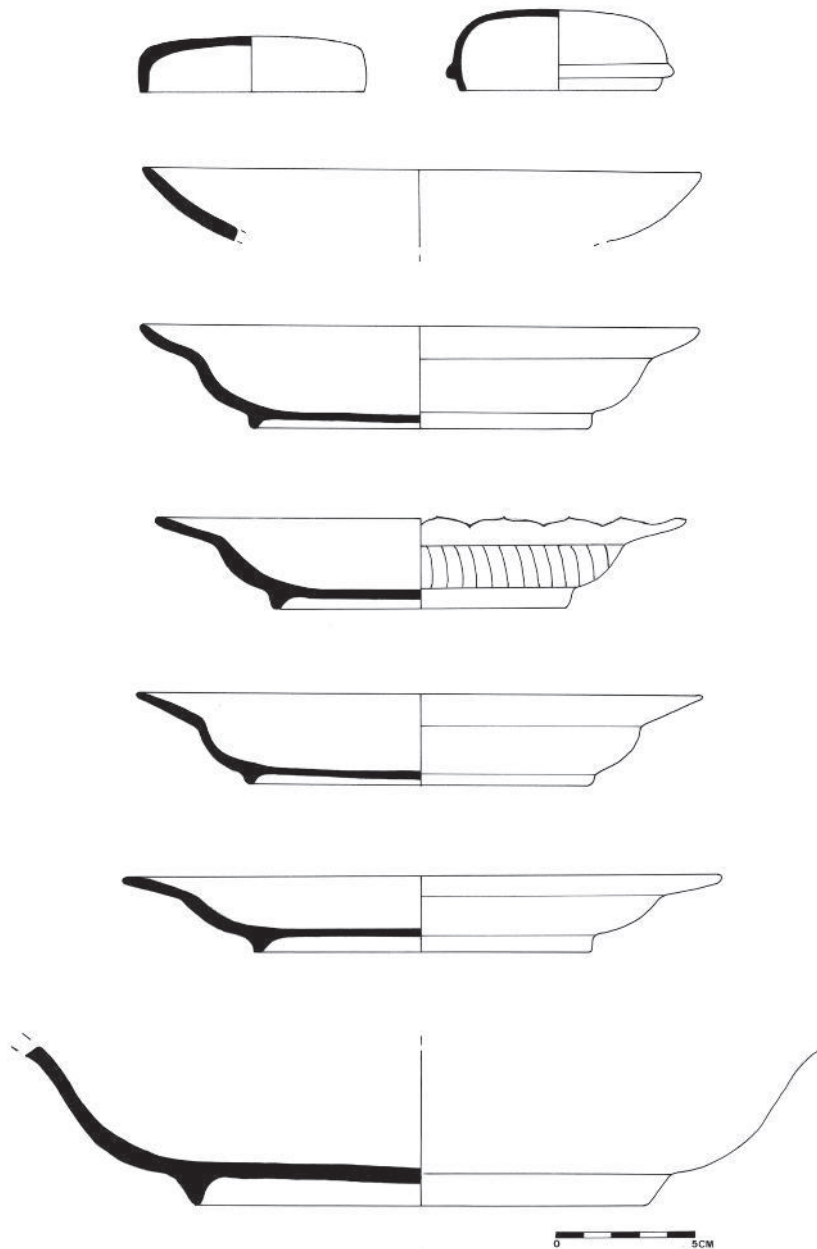


Figura 3 - Formas das porcelanas.

Mártires, naufragada no Tejo em 1606 (COELHO, 2008).

O único fragmento de martabã identificado até ao momento na presente colecção mostra a característica pasta cinzenta e o vidrado verde acastanhado. Ainda que surjam ocasionalmente nos contextos arqueológicos, não são achados frequentes e desconhecemos qual o tipo de ambiente a que estariam associados. Não existem relatos sobre a sua utilização em ambientes domésticos, servindo apenas, ao que tudo indica, como contentores de armazenamento a bordo das naus da carreira da Índia. Deviam ser objectos valiosos quando vendidos em Portugal, sobretudo devido ao exotismo de tais contentores. Conhecem-se exemplos destes contentores recolhidos em diversos locais de Lisboa, nomeadamente no Mandarin Chinês ou no Largo do Chafariz de Dentro, mas igualmente em cidades próximas tais como Almada ou Cascais (SIMÕES, 2012, p. 911).

3. Itália

Tal como acontece com a porcelana chinesa, enumerar todos os locais onde majólica italiana surgiu em Lisboa ou arredores não é de todo produtivo. Este tipo de cerâmica foi uma das importações mais frequentes entre 1450 e 1520 e pode ser encontrada em diversos locais da cidade tais como o Aljube ou o Largo do Corpo Santo (AMARO *et alii*, 2013; SEQUEIRA, 2015), mas igualmente em Cascais (RODRIGUES *et alii*, 2012) ou Almada (CASIMIRO, BARROS, 2013) só para mencionar alguns locais.

De entre os locais de produção conhecidos, a majólica italiana descoberta dentro dos silos de Carnide tem origem sobretudo em Montelupo, algo que de resto é recorrente nos contextos arqueológicos nacionais onde as produções

deste centro oleiro são sempre mais numerosas. Todavia, esta louça seria conhecida em Portugal como louça de Pisa (CALADO, 2003, p. 8), visto que era a partir do porto daquela cidade na foz do rio Arno que era comercializada a cerâmica de Montelupo. Um total de 88 peças entre pratos e taças foram reconhecidas como produzidas naqueles fornos italianos.

A maior parte das pastas apresenta coloração bege clara, ainda que dois exemplares ofereçam pastas vermelhas, produções que chegaram a Portugal em menor número. Até ao momento foram recuperados apenas pratos e taças de diferentes dimensões, na decoração dos quais são recorrentes, sobre fundo branco, cores como o laranja, o amarelo, o verde e o azul.



Figura 4 - Cerâmica italiana.

Algumas das formas e decorações mais recuadas podem efectivamente remontar aos finais do século XV, nomeadamente o *Contorno a ghiralda* patente em dois exemplares de pratos (BERTI, 1998, p. 116). Outros pratos apresentam a decoração conhecidas como a *ovali e rombi* com uma datação normalmente balizada entre 1510 e 1520 (BERTI, 1998, p. 121) (Fig. 4-F). Dos inícios do século XVI surgem pratos com a aba decorada com a *fáscia com bleau graffito* (Fig. 4-M). Um fragmento de prato apresenta *motivi vegetali della famiglia bleu* na aba. Normalmente o interior do fundo destes pratos apresenta representações zoomórficas (foram identificadas as patas de um javali e a cabeça de uma lebre), antropomórficas (a cabeleira de uma senhora aparece no fundo de um prato), ou outros motivos, tais como a vela de um barco. Ainda que instrumentos musicais, tais como os tambores, sejam objectos frequentes nas abas dos pratos, em Carnide um exemplar mostra um destes instrumentos no interior do fundo (Fig. 4-H, I, J, K).

A decoração *foglia bleu*, constituída por motivos vegetalistas azuis de grande dimensão, está igualmente presente, ocupando normalmente a totalidade da aba dos pratos, mas por vezes também no interior do fundo.

Dois fragmentos com pastas mais avermelhadas apresentam decoração dita *spiralí arancio* (BERTI, 1998, p. 191). Este tipo de decoração surge igualmente em peças produzidas com barro branco (Fig. 4-A).

O maior fragmento recuperado corresponde a um prato que apresenta uma decoração recorrente, na qual se conjugam o azul, o verde e o laranja, denominada *nastri* (BERTI, 1998, p. 196) (Fig. 4-E), igualmente atribuível aos inícios do século XVI.

Apenas um fragmento de aba decorado com *armi e scudi* foi recuperado, uma produção de finais do século XV ou inícios da centúria seguinte (BERTI, 1998, p. 124).

Tradicionalmente as peças decoradas com azul sobre azul (*berettino*) são atribuídas às oficinas lígures de Albisola e Génova sendo, por norma, a segunda produção de origem italiana mais frequente. No entanto, descobertas recentes na região de Lisboa têm vindo a levantar dúvidas sobre se estas produções serão exclusivamente italianas, ou se também o poderão ser espanholas ou portuguesas (CASIMIRO, 2013; CARDOSO, BATALHA, neste volume). O que pode ser afirmado é que estas peças têm pastas, vidrados e decorações distintas, podendo efectivamente reconhecer-se diferentes fabricos, muito possivelmente oriundos de vários centros produtores do Sul da Europa; excluindo-se por ora os Países Baixos. Foram recuperadas 58 peças com estas características correspondendo a pratos ou taças. Seis exemplares de taças apresentam as paredes onduladas (Fig. 4-P,Q,R).

Foram recolhidos ainda dois fragmentos de cerâmica oriundos das oficinas de Deruta. É o caso de um prato que mostra a decoração denominada *petal back* (RACKHAM, 1915) e de um jarro onde predomina a cor laranja.

Por uma questão de gosto ou facilidade de aquisição, as cerâmicas provenientes de Montelupo são mais frequentes nos contextos arqueológicos portugueses do que as produções de Deruta, cuja presença é escassa.

Apenas um fragmento de taça apresenta em ambas as superfícies decoração esgrafitada '*grafita rinascimen-*

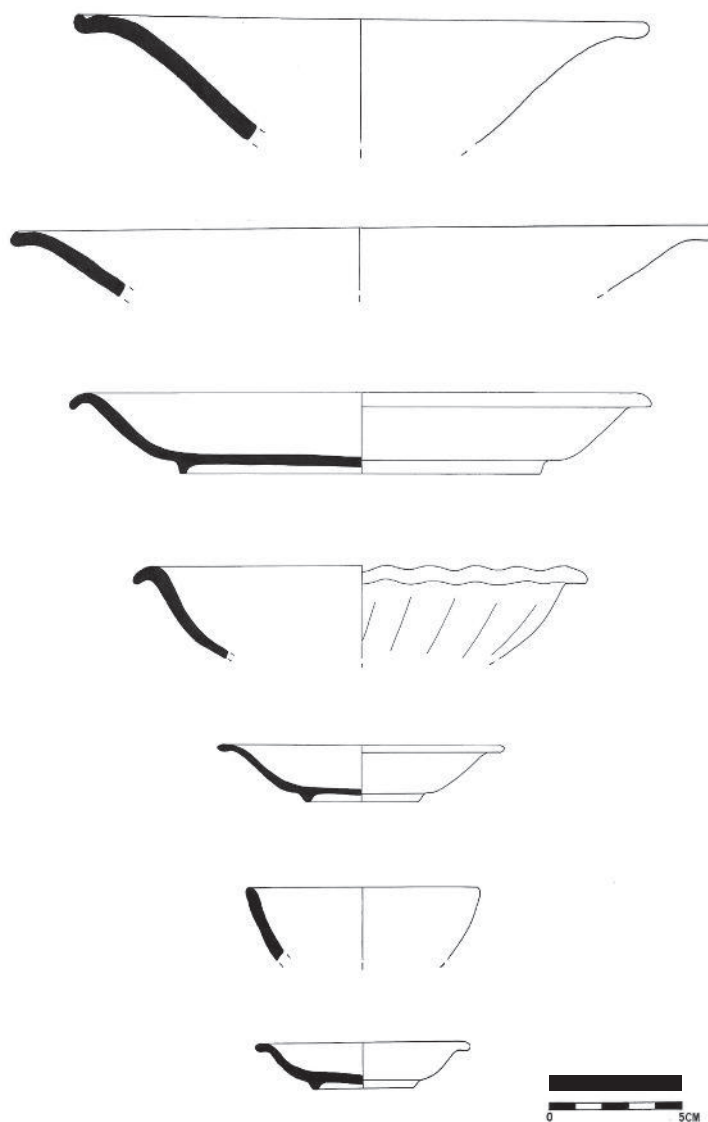


Figura 5 - Formas da cerâmica italiana.

tale'. De difícil atribuição geográfica é normalmente apontada como sendo produzida na zona de Veneza (FERRARI, 1990), ainda que outros centros de produção tenha igualmente apostada nesta decoração. O fragmento em questão, decorado com reticulados esgrafitados no vidro branco apresenta manchas de vidro verde. Este tipo de produção é igualmente pouco comum em Portugal tendo no entanto sido recuperada em diversos pontos de Lisboa, sobretudo na frente ribeirinha em contextos da primeira metade do século XVI, correspondendo à cronologia de produção que se situa entre meados do século XV e finais do século XVI.

4. Espanha

Se não é clara a origem das cerâmicas ditas 'azul sobre azul', mais complicado ainda será atribuir uma proveniência concreta às cerâmicas revestidas a vidro estanífero branco, identificadas no interior dos silos. Ta-

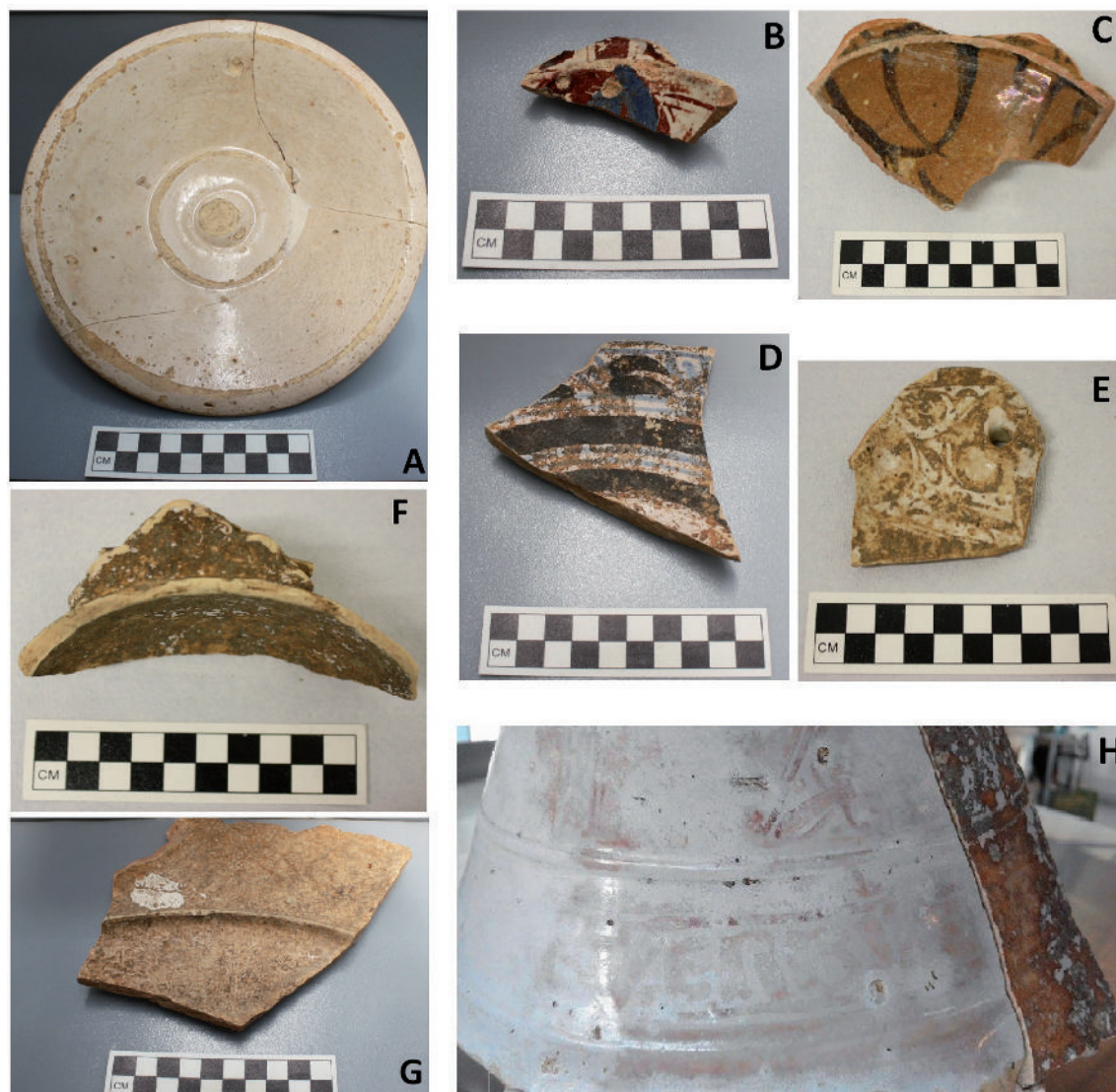


Figura 6 - Cerâmica espanhola.

ças carenadas, escudelas e pratos com fundo em ônfalo são as formas mais recorrentes (Fig. 6-A). Durante anos a bibliografia portuguesa atribuiu o fabrico destas peças às oficinas andaluzas e apenas recentemente se reconheceu poderem resultar de produções de centros oleiros portugueses (GOMES, GOMES, 1996; BARBOSA, CASIMIRO, MANAIA, 2009). À data em que os silos de Carnide foram abandonados, a produção de louça branca em Portugal era já uma realidade, algo que provavelmente aconteceu antes de 1520, pelo que é muito provável que a maior parte daquelas peças sejam de produção lisboeta (CASIMIRO, 2013, p. 354). A comparação entre pastas de Sevilha e Lisboa leva-nos a crer que em Carnide existem objectos produzidos tanto na capital portuguesa como naquela cidade andaluza, mas ainda não foi possível quantificá-las, pelo que optámos por abordá-las em outro trabalho que nos encontramos a preparar sobre a Faiança Portuguesa.

Não obstante as dúvidas que se colocam sobre a origem da louça branca, as que apresentam decoração em

reflexo metálico não permitem quaisquer dúvidas, visto que não existem, até ao momento, evidências documentais ou arqueológicas da sua produção em solo português (Figs. 6 e 7). Relativamente à colecção de Carnide foram identificadas 22 vasilhas decoradas com recurso a esta técnica. A maior parte dos objectos são pratos e taças, ainda que surja uma vasilha de grandes dimensões, com forma troncocónica. Esta parece-nos corresponder ao que normalmente é designado como ‘*albahaquero*’, ou seja, um pote onde se planta *albahaca* (majericão), cuja pasta e vidrado sugere tratar-se de uma produção valenciana (MARTINEZ CAVIRÓ, 1991, p. 243; 1983). Uma inscrição na base, com os caracteres (...) V.ERBVE (...) pode sugerir uma simplificação do termo *ERBUM* sugerindo essa funcionalidade (Fig. 6-H). Ainda que a legenda esteja invertida não é algo inédito em cerâmicas medievais e modernas. Parece tratar-se de uma produção ainda de finais do século XV ou inícios do século XVI. Não descartamos, no entanto, a probabilidade de se tratar de uma tampa, possivelmente de tágine.

Com uma cronologia afim surgiu um pequeno fragmento de fundo de prato no qual foi utilizada a técnica da corda seca, o único exemplar com esta decoração identificado no interior dos silos.

Quanto aos pratos e taças com decoração em reflexo metálico reconhecem-se produções de três locais distintos. A maior parte será oriunda de oficinas valencianas, onde a decoração corresponde sobretudo a arabescos e motivos vegetalistas como a folha de salsa (MARTINEZ CAVIRÓ, 1991, p. 190). Os pratos oferecem grandes dimensões e alguns deles perfurações que associamos a peças destinadas a ser penduradas. Foi recolhida pequena escudela com asas recortadas em forma de flor, cujo tom avermelhando do seu vidrado sugere tratar-se de uma produção de Muel de meados do século XVI. Outro exemplar de prato, atendendo à sua decoração vegetalista e tardoz preenchido com linhas concêntricas, poderá ter origem sevilhana (PLEGUEZUELO, 2014). As peças decoradas a reflexo metálico surgem em diversos contextos arqueológicos portugueses, sendo mais frequentes durante os séculos XIV, XV e inícios do XVI (GOMES, GOMES, 1996).

A fraca incidência destes fragmentos quando comparados com o elevado número de importações italianas e chinesas leva-nos a crer que quando esta louça foi descartada, durante a segunda metade do século XVI, seriam objectos que, já estariam na posse das famílias de Carnide há, pelo menos, uma ou duas gerações. São peças de elevada qualidade, pelo que eram mantidas e bem guardadas. Esta conclusão baseia-se não apenas na sua quantidade, mas igualmente no facto de as podermos colocar cronologicamente, ao exemplo de algumas majólicas de Montelupo, ainda nos finais do século XV ou inícios do século XVI.

Até ao momento acredita-se que a louça comumente designada de *Isabella Polycroma* nunca foi produzida em Portugal, tratando-se de pratos e taças decorados com azul e manganês (Fig. 6-D), ainda que alguns fragmentos tenham sido identificados, nos inícios do anos 80, no caqueiro do forno da Mata da Machada (TORRES, 1990). Foram reconhecidos 22 exemplares desta tipologia no interior dos silos de Carnide que, face a sua grande previvência ao longo do século XVI, não é possível atribuir uma cronologia precisa.

Cerca de 20 objectos com vidrado castanho amarelado, decorados com traços de manganês, foram identificados neste contexto arqueológico (Fig. 6-C). São achados frequentes na cidade de Lisboa, sobretudo em contextos da primeira metade do século XVI (TORRES, TEIXEIRA, 2015, p. 204).

Entre os alguidares identificados destaca-se elevado número daqueles produzidos em pastas claras e vidrados a verde plumbífero. Embora apresentem pastas cerâmicas muito semelhantes às de fabricos andaluzes, não foi possível concluir se são provenientes daqueles centros produtores ou de outros em território nacional, incluindo Lisboa.

5. Países Baixos

Como seria expectável, não foram identificadas cerâmicas revestidas a esmalte estanífero produzidas nos Países Baixos. Este é o momento em que naquela região se estavam a produzir imitações italianas pelo que

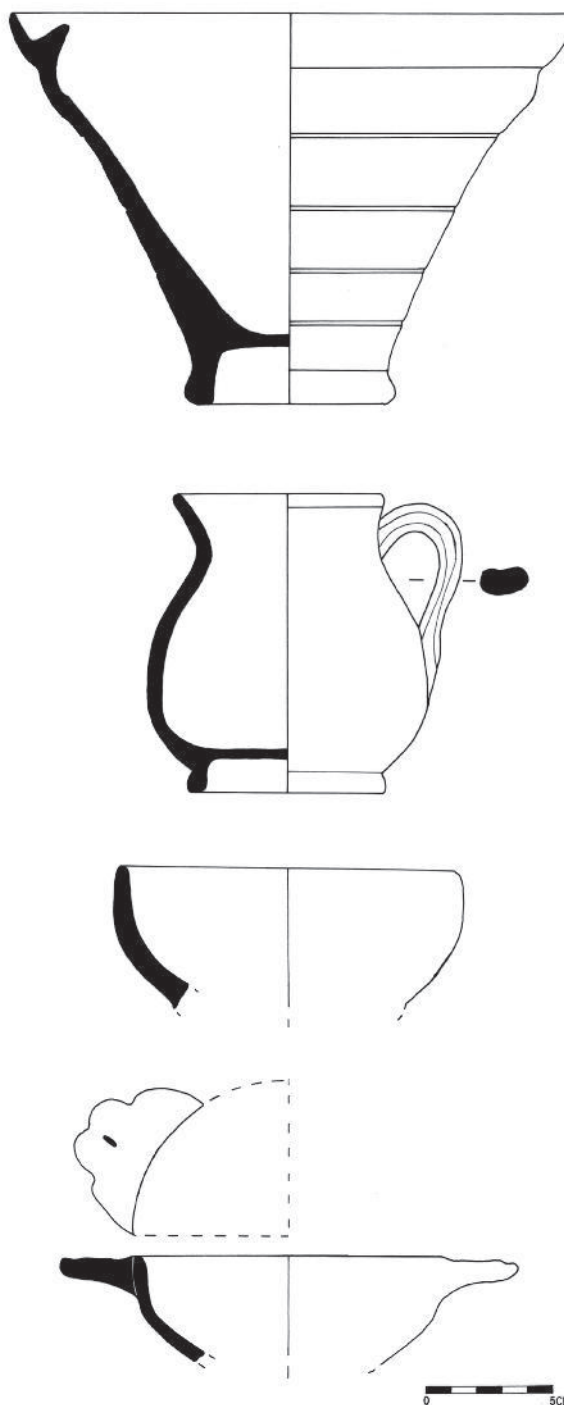


Figura 7 - Formas da cerâmica espanhola.

não faria sentido qualquer importação. As peças identificadas tratam-se de algo que ocasionalmente surge nos contextos arqueológicos dos finais do século XVI ou inícios do XVII. Pequenos objectos produzidos com o mesmo caulino com o qual se produziam os cachimbos. Estas peças, devido à sua reduzida dimensão, não nos parecem ter servido outra funcionalidade para além da decorativa, destacando-se pequenos cestos, potes ou queimadores (Fig. 8). Deste último formato, mas de maior dimensão e também em caulino, foi colectado um

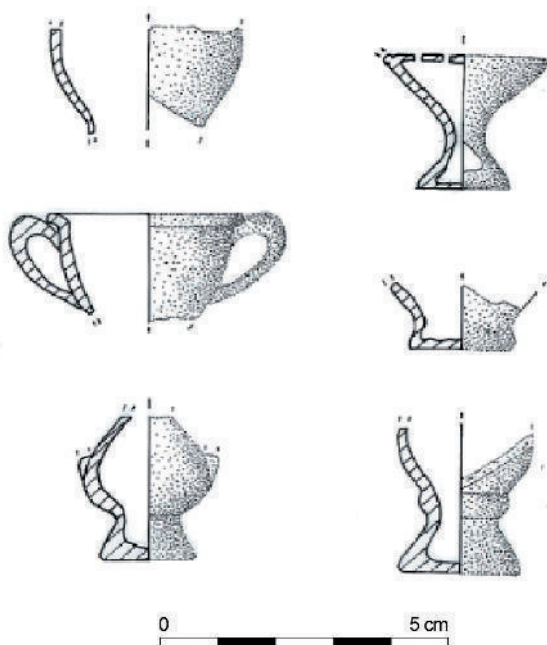


Figura 8 - Cerâmica holandesa.

exemplar na Rua da Judiaria, em Almada, em contexto atribuído à primeira metade do século XVII.

Por ora não é possível avançar com um centro produtor concreto para estes objectos, até porque a bibliografia sobre aqueles é escassa, sendo referidos em publicações que abordam sobretudo cachimbos e pequenas figuras de caulino (GRIM, 2011).

6. Alemanha

No interior dos silos de Carnide foram identificados três recipientes em grés, frequentemente designados como ‘vidrados de sal’. Estes objectos, produzidos em larga escala e destinados sobretudo ao consumo de cerveja, eram comercializados por toda a Europa e nas suas

colónias, tendo chegado em grandes quantidades a Inglaterra, Irlanda e ao Novo Mundo (GAIMSTER, 1997). Em Portugal, nomeadamente em Lisboa, são de achados ocasionais nos contextos arqueológicos, mostrando quase sempre elevada qualidade, mas raramente em grandes quantidades (SOUSA, 2011, p. 329; COELHO, 2015).

7. Conclusão

Analisar a “louça de fora” em qualquer contexto arqueológico é extremamente relevante pelos dados que dessa análise poderão resultar, no entanto trata-se de uma tarefa que poderá criar mais dúvidas do que as que esclarece.

Os estudos mais recentes têm demonstrado que várias tipologias cerâmicas até aqui classificadas como importadas, eram, afinal, de produção portuguesa. Neste sentido apenas temos a certeza que as porcelanas, as peças de Montelupo, os reflexos metálicos e as produções em grés e caulino são exógenas. Quanto às restantes apenas as podemos apresentar e reflectir sobre a sua produção e consumo.

A maior parte das importações é oriunda da China. No momento em que esta louça foi descartada (1550-1610), a porcelana não só era mais fácil de adquirir que a louça europeia, como era igualmente a mais apetecível. É difícil concluir se neste contexto a porcelana da China seria apenas louça de aparato ou utilizada à mesa quotidianamente visto que não foram reconhecidas marcas de uso, difíceis de reconhecer neste tipo de produções. Seja como for, esta comunidade possuía estas peças em contextos domésticos, não se limitando aos pratos e taças, mas igualmente a outro tipo de objectos, tais como um castiçal.

É importante ter presente que, no momento da sua aquisição, exemplares mais antigos como os decorados a reflexos metálicos e alguns de origem italiana, seriam objectos bastante dispendiosos, o que lhes conferiria o estatuto de objectos de prestígio. Por esse motivo eram guardadas e estimadas como bens familiares (eventualmente até sentimentais), permanecendo na posse de uma família por mais do que uma ou duas gerações.

Na contabilização geral foram recolhidas 692 peças importadas que não deverão corresponder a mais do que 3% do total dos objectos recuperados. Poderemos afirmar, face a estes números, estarmos perante um contexto abastado? É ainda cedo para o afirmar. Será necessária a comparação com outros contextos associados a desperdícios domésticos, de igual cronologia, oriundos de outras partes da cidade de Lisboa, centrais ou periféricos, mais dedicadas ao comércio e administração pública.

O predomínio da porcelana chinesa é algo expectável nesta cronologia. A partir de 1510 a porcelana Zhengde torna-se uma presença assídua nas casas portuguesas, mas ainda não em quantidade suficiente para substituir as importações italianas e espanholas, algo que só ocorreu a partir de 1530, quando a louça Jiajing chegou em número suficiente para colocar a cerâmica europeia em segundo plano. A partir de então a presença de importações espanholas e italianas diminuiu e a cerâmica oriental ocupou o seu espaço nos armários e mesas do Portugal Moderno. A segunda metade do século XVI foi o grande momento do consumo de porcelana em território nacional, situação

que se esbateu nos inícios de 1600, quando o comércio no oceano Índico deixou de ter exclusividade portuguesa.

Assistiu-se a partir de 1520 a uma mudança de gosto não apenas no estilo, mas igualmente na paleta de cores e temas decorativos, o que marcou quase todo o século XVII.

Carnide no século XVI e XVII era, efectivamente, tal como ainda hoje, uma área periférica à cidade de Lisboa. Marcadamente rural, a produção cerealífera estava na base da economia. Sendo ainda cedo para afirmar que estamos perante uma comunidade rica, o certo é que o tipo de cultura material encontrada é muito semelhante ao que se identifica em cronologias afins não apenas na zona ribeirinha de Lisboa, mas igualmente nas cidades próximas, tais como Cascais ou Almada. Se por um lado, tendo em conta o seu contexto económico, social e cultural, os estudos comparativos vão permitir compreender o poder de compra desta comunidade; por outro, os padrões de consumo destes bens vão também reflectir as (des)igualdades sociais e económicas daquelas populações e dos espaços que habitavam.

Agradecimentos

Os autores gostariam de agradecer em primeiro lugar a Ana Caessa e Nuno Mota por terem tornado a colecção acessível ao estudo, tal como a todos aqueles que diariamente nos acompanham e apoiam no Centro de Arqueologia de Lisboa. Os agradecimentos são extensíveis a José Pedro Henriques, pelas entusiasmantes discussões sobre os conjuntos cerâmicos lisboetas, assim como aos voluntários do Centro de Arqueologia de Lisboa, Conceição Nabais, Albino Marques e José Mendonça. Finalmente à Paula Caetano que conosco começou este estudo, mas que infelizmente não o pôde continuar.

Bibliografia

- AMARO, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J.; MANSO, C.; (2013): Prisão do Aljube no século XVI - vidros, majólica italiana e cerâmica esmaltada espanhola. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (edit.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1019-1024.
- AURET, C.; MAGGS, T. (1982): The great ship São Bento: remains from a mid-sixteenth century Portuguese wreck on the Pondoland coast". *Annals Natal Museum*, 25 (1), Pietermaritzburg, Council of the Natal Museum, pp. 1-39.
- BARBOSA T.; CASIMIRO T.M.; MANAIA R. (2009): A late 15th century household pottery group from Aveiro (Portugal). *Medieval Ceramics*, 30, London, Medieval Pottery Research Group, pp. 119-136.
- BARGÃO, A.; FERREIRA, S. (2013): Pátio do Linheiro, Largo dos Trigueiros: Um exemplo da Lisboa seiscentista. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (edit.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1049-1055.
- BERTI, F. (1997): *Uomini e fornaci in centro di produzione dal XIV al XVIII secolo (Storia della ceramica di Montelupo)*. Montelupo, Aede.
- BOAVIDA, C. (2017): Preparar, servir e comer - Vestígios arqueológicos metálicos do que se usava na cozinha e à mesa na Lisboa da Idade Moderna. Uma primeira abordagem, In SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CARREIRA, I. (edit.) *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*, Fragmentos de Arqueologia, 1. Lisboa, Centro Arqueologia de Lisboa - CML/ Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 122-130.
- CAESSA, A.; MOTA, N. (2014): O núcleo histórico de Carnide: o contributo da investigação arqueológica. In VEIGA, C. M.; REIS, M. F. (coord.), *Quadros da História de Lisboa. A Freguesia de Carnide*, Lisboa, Academia Portuguesa de História e Junta de Freguesia de Carnide, pp. 85-104.
- CAESSA, A.; MOTA, N. (2016): A Arqueologia em Carnide e a intervenção arqueológica no Largo do Coreto. *Rossio – Estudos de Lisboa*, 6, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa / Direcção Municipal de Cultura / Departamento de Património Cultural, pp. 96-107. Disponível em: https://issuu.com/camara_municipal_lisboa/docs/revista_de_estudos_olisiponenese_ro (consultado em Abril 2016).
- CALADO, R. S. (2003): *Faiança Portuguesa da Casa Museu Guerra Junqueiro. Século XVII-XVIII*. Porto, Câmara Municipal do Porto.
- CARDOSO, G.; BATALHA, L. (neste volume): Evidências de produção oleira dos finais do século XVI a meados do século XVII no Largo de Jesus (Lisboa). In *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma cidade em construção*, Lisboa, Centro de Arqueologia de Lisboa - CML.
- CASIMIRO T.M. (2011): Estudo do espólio de habitação setecentista em Lisboa. *O Arqueólogo Português*, 1, série V, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional, Casa da Moeda, pp. 689-726.
- CASIMIRO, T. M. (2013): Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, Lisboa, Direcção Geral do Património Cultural, pp. 351-367.
- CASIMIRO, T.M., BARROS, L. (2013): Majólica Italiana em Almada. *Anais de Almada*, 15, Almada, Câmara Municipal de Almada, pp. 47-58.
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; DETRY, C. (2017): Cozinhar e comer: cerâmicas e alimentação em Carnide (1550-1650), in: SENNA-MARTINEZ, J. C.; MARTINS, A. C.; MELO, A. A.; CAESSA, A.; MARQUES, A.; CARREIRA, I. (edit.) *Diz-me o que comes... Alimentação antes e depois da cidade*, Fragmentos de Arqueologia, 1. Lisboa, Centro Arqueologia de Lisboa - CML/ Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, pp. 122-130.
- COELHO, I. (2008): *A Cerâmica Oriental da Carreira da Índia no contexto da cara de uma nau – a presumível Nossa Senhora dos Mártires*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- COELHO, I. (2015): Fragmentos (5) de garrafas do tipo "Bellamina" em grés renano. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, A.; SILVA, R. (coord.), *Lisboa Ceuta 1415 – História de duas cidades* (catálogo da exposição), Ciudad Autonoma de Ceuta/Consejería de Educación y Cultura e Camara Municipal de Lisboa/Direcção Municipal de Cultura/Departamento de Património Cultural, p. 186.
- CRICK, M. (2010): *Chinese Trade Ceramics for South-East Asia. Collection of Ambassador and Mrs Charles Müller*. Milano, 5, Continent Editions.

- DIOGO, A. D. (1995): *Relatório preliminar sobre os silos medievais descobertos no Largo do Jogo da Bola, em Carnide (Lisboa)*. Lisboa, Gabinete Técnico do Teatro Romano/ Câmara Municipal de Lisboa (policopiado).
- DIOGO, A. D.; VITAL, N. F. (1998): Estudo das moedas encontradas nos silos do Largo do Jogo da Bola, em Carnide, Lisboa. *Olisipo – Boletim do Grupo Amigos de Lisboa*, S.II - 6, Lisboa, Grupo Amigos de Lisboa, pp. 49-52.
- DUARTE, E. (2011): Uma viagem a Roma no século XVI: D. Frei Bartolomeu dos Mártires, a arquitectura, a escultura e as porcelanas. *Arte teoria*, 12/13, Lisboa, Faculdade de Belas Artes/Universidade de Lisboa, pp. 221-229.
- FERRARI, V. (1990): *La ceramica graffita ferrarese nei secoli XV e XVI*. Ferrara, Belriguardo.
- GAIMSTER, D. (1997): *German Stoneware, 1200-1900: Archaeology and Cultural History*. London, British Museum Press.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V. (1996): Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do Poço Cisterna de Silves. *Xelb: Revista de Arqueologia, Arte, Etnologia e História*, 3, Silves, Museu Municipal de Arqueologia de Silves, pp. 143-205.
- GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; CASIMIRO, T. M. (2015): Convents, monasteries and porcelain: a case study of Santana convent Lisbon. In BUXEDA I GARRIGÓS, J.; MADRID I FERNAÁNDEZ, M.; IÑÁÑEZ, J. G. (edit.), *Global Pottery Proceedings - 1st International Conference for Historical Archaeology and Archaeometry for Societies in Contact*, BAR International Series 2761, Oxford, Hadrian Books, pp. 93-102.
- GOMES, R.V.; GOMES, M.V.; ALMEIDA, M.; BOAVIDA, C.; NEVES, D.; HAMILTON, K.; SANTOS, C. (2013): Convento de Santana (Lisboa). Estudo preliminar do espólio da fossa 7. In ARNAUD, J. M.; MARTINS, A.; NEVES, C. (edit.), *Arqueologia em Portugal – 150 anos*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1057-1065.
- GRIM, G. (2011): *Kleine Meisterwerke des Bilddrucks: Ungeliebte Kinder der Kunstgeschichte*. Berlin, Faustus.
- HENRIQUES, J. P. (2012): Do Oriente para Ocidente: contributo para o conhecimento da porcelana chinesa nos quotidianos de Época Moderna. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 1 (ArqueoArte 1), Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 919-932.
- MAGGS, T. (1984): The Great Galleon São João: remains from a mid-sixteenth century wreck on the Natal South Coast. *Annals of the Natal Museum*, 26 (1), Pietermaritzburg, Council of the Natal Museum, pp. 173-186.
- MARTÍNEZ CAVIRÓ, B. (1983): *La loza dorada. Artes del tiempo y del Espacio*. Madrid, Editora Nacional.
- MARTINEZ CAVIRÓ, B. (1991): *Cerámica Hispanomusulmana andalusí e mudéjar*. Madrid, Ediciones El Viso.
- MATOS, M. (1996): *A Casa das Porcelanas. Cerâmica Chinesa da Casa Museu Dr. Anastásio Gonçalves*. Lisboa, Instituto Português dos Museus/Philip Wilson.
- MONTEIRO, M.; ANTÓNIO, T. (2013): Vestígios arqueológicos na Casa Portela Santos (Carnide, Lisboa). *Estudos de Arqueologia e Património Cultural* 1, Lisboa, Emérita – Empresa Portuguesa de Arqueologia, p. 39. Disponível em: http://emeritaeapc2013.info/Casa_Portela%20Santos.pdf (consultado em Dezembro 2015).
- PLEGUEZUELO, A. (2014): Loza dorada en el siglo XVI: testimonios documentales, analíticos y materiales. In FLOR, S.V. (coord.), *A Herança de Santos Simões: Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, Lisboa, Edições Colibri, pp. 313-329.
- POMPER, L. R. (2015): Kirande porcelain from Spanish colonial trade networks. *Post-Medieval Archaeology*, 49 (1), London, The Society for Post-Medieval Archaeology, pp. 182-188.
- RACKHAM, B. (1915): A new chapter in the history of Italian maiolica. *The Burlington Magazine*, XXVII, n° 145, London, The Savile Publishing, pp. 28-35.
- REIS, M. F. (2014): Entre o Sagrado e o Profano: a Feira da Luz em Carnide. In VEIGA, C. M.; REIS, M. F. (coord.), *Quadros da História de Lisboa: A Freguesia de Carnide*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, Junta de Freguesia de Carnide, pp. 11-21.
- RODRIGUES, S.; BOLILA, C.; FILIPE, V.; HENRIQUES, J.; RIBEIRO, I.; SIMÕES, S. (2012): As cerâmicas da Idade Moderna da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Cascais. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, A. (coord.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 2 (ArqueoArte 1), Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 865-876.
- ROSA, A. (2014): *Relatório final da escavação arqueológica de emergência de 3 silos no Largo do Coreto*. Lisboa (policopiado, não publicado).
- SEQUEIRA, M. J. (2015): Prato em majólica. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, A.; SILVA, R. (coord.), *Lisboa Ceuta 1415 – História de duas cidades* (catálogo da exposição), Ciudad Autonoma de Ceuta/Consejería de Educación y Cultura e Camara Municipal de Lisboa/ Direcção Municipal de Cultura/Departamento de Património Cultural, p. 188.
- SIMÕES, S. (2012): Os Potes Martaban um conceito em discussão. In TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, 2 (ArqueoArte 1), Lisboa, CHAM/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 909-918.
- SOUSA, E. (2011): *Ilhas de Arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores: (séculos XV-XVIII)* (2 volumes). Dissertação de doutoramento em História, especialização em História Regional e Local, apresentada à Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa (policopiado).
- TORRES, C. (1990): Um forno cerâmico dos séculos XV e XVI na Cintura Industrial de Lisboa. In BAZANNA, A.; AMIGUES, F. (edit) *Fours de potiers et «testares» médiévaux en Méditerranée occidentale. Méthods et résultats (Série Archéologie XIII)*, Madrid, Casa de Velásquez, pp. 131-141.
- TORRES, J.; TEIXEIRA, A. (2015): Prato. In TEIXEIRA, A.; VILLADA PAREDES, A.; SILVA, R. (coord.), *Lisboa Ceuta 1415 – História de duas cidades* (catálogo da exposição), Ciudad Autonoma de Ceuta/Consejería de Educación y Cultura e Camara Municipal de Lisboa/ Direcção Municipal de Cultura/Departamento de Património Cultural, p. 204.
- VIANA, M. (2015): Dois recipientes de medida para líquidos de cerâmica, in: BUGALHÃO, Jacinta (coord.) *Uma casa pré-pombalina na baixa lisboeta. Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*, Lisboa: Centro de História de Além-Mar FCSH/UNL e UAç, pp. 31-54.

A cidade [de Lisboa] vive atualmente um extraordinário momento de renovação que dá diariamente origem às dezenas de trabalhos em curso. Em 2014, foi registado o valor mais elevado de autorizações para trabalhos arqueológicos desde a constituição do Plano Diretor Municipal, em 1994: 245 pedidos. Toda esta dinâmica traduz-se, natural e desejavelmente, num acentuado acréscimo de informações acerca do espaço geográfico que a cidade ocupa, acompanhado por um cada vez maior número de vestígios materiais, estruturais e artefactuais, que vão enriquecendo o conhecimento e o património de Lisboa. A aceleração da atividade arqueológica que testemunhamos em Lisboa, acompanhada e apoiada de perto pelo CAL – Centro de Arqueologia de Lisboa, tal como a entusiasmante, e quase diária, descoberta de novas informações, de novos espólios e de outros vestígios do passado, constitui um permanente desafio para as entidades, para os cidadãos e em particular para os diferentes agentes profissionais, arqueólogos, urbanistas, arquitetos, entre outros. Torna-se, por isso, cada vez mais importante e necessária a criação de espaços como este *Encontro de Arqueologia de Lisboa*, entendido como meio de divulgação, debate e de partilha deste notável conhecimento adquirido sobre a cidade.